

mudas 2022

mulheres diversas

*Histórias contadas
pelas mulheres originárias*

Talita Kokama

Suni, KOKAMA do Alto Solimões

Socorro Baniwa

Nubiã Tupinambá

ORG. Patrícia Luíza Costa (Patiluc)



PARIMPAR

MUDAS 2022 - Mulheres diversas
Histórias contadas pelas mulheres originárias

ORG. Patrícia Luíza Costa (Patiluc)

Belo Horizonte

2022

Projeto gráfico: Estúdio Par ou Ímpar

Capa: Gerar

Revisão: Patrícia Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelo autor.

C837m	COSTA, Patrícia Luíza (Patiluc)
	MUDAS 2022 - Mulheres diversas Histórias contadas pelas mulheres originárias. Belo Horizonte, PARIMPAR, 2022.
	ISBN 978-65-00-37431-5.
	1. Educação. 2. Cultura Indígena. 3. Cultura. 4. Criminalidade. 5. Literatura. I. Título.
	CDD: 370
	CDU: 37.13

Direitos Autorais Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer meio, salvo com autorização expressa e por escrito da Editora (de acordo com a Lei do Direito Autoral em vigor no país). Ao reproduzir este ou qualquer livro através de fotocópia (xerox) ou outro método, você prejudica a Editora, seus colaboradores e a todos aqueles que trabalham com o livro no Brasil.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
PREFÁCIO	7
Resistência, resiliência e constituição de ser Mulher Originária!.....	7
METÁFORA DO SONHO INFINITO.....	9
SER MULHER INDÍGENA	13
SUNI, KOKAMA DO ALTO SOLIMÕES	14
SOCORRO BANIWA.....	17
NUBIÃ TUPINAMBÁ.....	20
Uma frecha de luz que me vem ao sonho	20
Músicas na força Espiritual - Evocação	24
Música na força espiritual – Afirmação	25
A ÍNDIA, O SER (XEMENA Tupy Apaixonado)	26

APRESENTAÇÃO

Desenvolvemos alguns trabalhos em parceria com o Portal Vera Sinha e, dentre eles, está o projeto MUDAS (Mulheres Diversas). O MUDAS tem como objetivo publicar materiais em diversos gêneros no formato digital. Nosso foco, com esta proposta, é disponibilizar ‘o todo’, sobre a temática da violência contra as mulheres indígenas e ribeirinhas, produzido nesse espaço, numa linguagem simples, mas que possa ser consultado e referenciado também pelo público acadêmico, além e fundamentalmente, pela população em geral.

Violência contra mulher existe em qualquer cultura e ocorre em todas as estruturas sociais. No universo indígena isso não é diferente, seja pela necessidade de deslocamento de seu mundo ou em sua convivência diária em sua cultura, mas poucos sabemos sobre fatos que relatem experiências de violências, principalmente relatadas por mulheres originárias.

Cecília Minayo destacou que *“violência contra a mulher que se pode contar e registrar é infinitamente menor da que ocorre no cotidiano”*. Mulheres Diversas (MUDAS) possibilita um espaço digital para essas mulheres relatarem, narrarem e nos contarem como é ser mulher indígena ou ribeirinha. Juntos, nós da Parimpar, o Estúdio Par ou Ímpar e o Portal Vera Sinha abraçamos essa causa, mas como chegar até essas mulheres?

Então, com esse intuito elaboramos um *post* solicitando, convocando a participação dessas mulheres e o divulgamos em nossas redes sociais. Demorou um pouco para que surgissem reações à nossa iniciativa, mas, a

notícia chegou à Comunidade Kokama Lua Verde, no Amazonas. A Cacique da comunidade, Dra. Altaci Rubim, solicitou-nos mais informações, queria obter melhor entendimento sobre o que queríamos. Nada mais justo! Imediatamente organizamos uma reunião *online*. Dra. Altaci achou interessante nossa proposta, alertando-nos sobre o quão difícil para a mulher indígena e até para as ribeirinhas, seja a produção escrita sobre esse contexto. Para esse trabalho confiança é a palavra-chave! Mas, deram-nos esse crédito e com muita honra, dias depois dessa conversa, recebemos alguns textos.

Ainda que a publicação física seja a preferência de todas, porque a produção impressa, no caso delas, permite melhor acesso, elas aceitaram a nossa proposta para publicação em formato de *ebook*, pois esse é o nosso *métier*.

Em discussão com todas as colaboradoras os textos por elas produzidos serão publicados em Português indígena. Ou melhor, em respeito a essas mulheres e a cultura indígena, não faremos qualquer tipo de intervenção nos textos, os quais elas nos confiaram ao nos encaminharem. Esse é o nosso compromisso!

Boa leitura!

Parimpar

PREFÁCIO

Resistência, resiliência e constituição de ser Mulher Originária!

Narrar, contar fatos, histórias, compartilhar experiências, é uma forma de resistir, de construir e reconstruir o ser, o eu, o ser mulher. Nós, Mulheres Diversas, temos histórias, estórias e experiências que nos movem a agir, fazer e constituir. O ato de narrar traz não só um conjunto de atos, eventos e acontecimentos, mas traz efeitos e razões para nossa existência. Não lidamos apenas com eventos, textos, sentenças e parágrafos. Lidamos com eventos compostos de sentenças que refletem as experiências do nosso conviver, viver no dia a dia. Ao narrar esses fatos, estamos cozendo os significados de cada sentença, de cada evento. Nossos eventos são estruturados como um andaime, no tempo e no espaço.

No mosaico dessa construção, ouvimos e vemos atos de acontecimentos. Isso se organiza de tal forma que destacamos uns eventos dos outros e, assim, vamos construindo significados. Ao narrar nossas histórias e estórias, estamos convidando você a percorrer, escalar e subir os andaimes desse constituir! Somos indivíduos formadores de um coletivo, gente, pessoas, povo, etnia, identidade(s). Cada estrado do ato narrativo nos constitui como pessoa, como indivíduo, como membro de uma família; ao mesmo tempo, o ato narrativo revela a você quem sou eu e sobre nós.

Aqui, neste pequeno ensaio, você encontra narrativas de Mulheres Diversas, que compartilham seus eventos, suas relações de família, suas relações de trabalho, de poder e de autonomia, bem como as influências políticas e

religiosas que são forças constituintes da formação de suas identidades, de sua formação acadêmica e do ser Mulher. A mulher indígena em constante resistência, que luta, que batalha, que chora, sorri, ama e cria.

Neste ensaio você encontrará mulheres que narraram, que buscaram palavras para representar seus eventos e sentimentos, utilizando diferentes formas e estilos. Mulheres que narraram simplesmente fatos. São fatos doloridos que, muitas vezes, se esconderam entre outros eventos ou simplesmente por escolhas de outros, de não os perceber, decidindo ignorá-los, a exemplo da violência vivida e aqui relatada por essas mulheres: as violências sofridas pela mulher indígena; a mulher que não pode ser mãe; a mulher que, por estar fora de seu mundo, não é acolhida com dignidade e respeito.

Nessa perspectiva, este trabalho compartilha exemplos de histórias de vidas. Exemplos que desvelam dimensões identitárias muitas vezes despercebidas nos tablados da vida. Sentir, visualizar um pouco sobre como os sentimentos, as dores, o acolhimento, o pertencer... Isso é o que nos constrói!

O portal *verasinha.com* foi criado com esse objetivo: compartilhar saberes, experiências e promover culturas dos povos originários do Brasil. Por isso, compartilhamos este ensaio, que nos traz exemplos de histórias, estórias e poesias de Mulheres Originárias!

Dra. Vera da Silva Sinha,
Antropóloga,
Linguista e Professora.

METÁFORA DO SONHO INFINITO

Era uma vez...

Uma indiazinha que vivia numa floresta encantada, repleta de sons, imagens e cheiros. Ela carregava nos seus sonhos o desejo de cuidar do seu povo. A indiazinha cresceu, virou uma mulher forte, sem, contudo, perder a candura e hoje cultiva na escrita as histórias que aprendeu quando criança. Ela semeia, por onde passa um pouquinho da sua Gente.

Depois que ela cresceu, a indiazinha de nome Talua, foi se aventurar por outras paragens, porque acreditava que conseguiria retransmitir a cultura do seu grupo para outras comunidades, n'outras regiões.

Foi assim que Talua pediu permissão aos anciãos para pegar o vapor e subir o rio. Emanada pelas bençãos dos espíritos Talua seguiu viagem. A luz da lua refletida no vai e vem das águas do rio a orientavam e durante o dia, era o sol quem aquecia e protegia Talua contra os males. Um dia, ao fazer uma parada na ribeirinha, Talua conheceu Sumaya, homem bom, de uma das comunidades indígenas que por ali circundavam. Constituíram uma família bonita e viviam felizes, até que um dia...

Sumaya foi para a cidade grande, buscar trabalho e melhores condições de vida para sua família. Por lá, conheceu outras mulheres, enveredou-se na bebedeira e nunca mais foi o mesmo. As marcas da violência física e psicológica deixadas por Sumaya em Talua atingiram-lhe a alma.

Mas a quem buscar ajuda? Uma estrangeira, numa dessas inúmeras expedições científicas que pousam regularmente na floresta, a orientou a denunciá-lo.

- Como assim, denunciar meu homem? Respondia Talua assustada com aquela conversa.

- Sinto muito, mas seus filhos já ressentem sua dor Talua. Você não vai aguentar por muito tempo. E quando nossa expedição se for, será mais difícil para você se deslocar até a capital.

Depois de muito pensar e respeitando o tempo para que os espíritos se reunissem em prol de sua súplica, Talua aceitou o apoio dos cientistas e foi, com o coração apertado, fazer a tal denúncia de maus-tratos.

Sentiu-se protegida por aquelas pessoas, porém, chegou o dia da partida e Talua se viu ali, sozinha, abandonada. Sumaya respeitou os limites determinados pela Lei até aquele momento, mas tão logo a rabeta do barco que levava os estrangeiros bateu nas águas do rio, Sumaya surgiu por entre as matas com gana nos olhos.

Talua já pressentia aquele reencontro e em silêncio decidiu que arrumaria forças para fazer com que seu grito ecoasse pela floresta afora. Mulher indígena é forte

e não abaixa a cabeça. Pode até dizer sim senhor, mas é dela o controle da família. São elas que mantêm a cultura viva. Está com elas o poder da transformação.

A Talua pode ser qualquer uma de nós. A Talua aqui simboliza a dor e a força de todas nós: Mulheres. Mulher que pari, mulher que ama, mulher que trabalha, mulher que sofre, mulher que amamenta, mulher que estuda, mulher que é simplesmente mulher.

Todas as vezes que Talua se dirigia a um espaço para dizer do seu sofrimento era discriminada, calada e até amaldiçoada.

- Aguenta Talua! Diziam seus pares.

Talua então pegou seus filhos e mesmo sem romper com os seus ritos sagrados, teve que conviver com outras agressões. Não sabia ler, tão pouco escrever, gostava de contar suas histórias. Mas se viu num banco escolar e lá pode aprender a desenhar as letras de uma língua que nem era a sua. De porta em porta, conseguiu um trabalho. E mesmo subjugada, criou os seus filhos com honestidade e respeito.

Não foi nada fácil e porque seria? Com a escrita Talua deu voz a sua dor, a sua angústia, mas também pode dizer sobre sua alegria, sua espiritualidade, seu modo de viver, sua família, além de poder reproduzir a sua cultura, o legado do seu povo.

E hoje, Sumaya não é uma sombra que a assombra. É o pai de seus filhos e aprendeu a respeitá-la como mulher, como mãe, como guerreira.

- Você já ouviu falar de Talua? Não???

- Acorda ela! Vai! Acorda ela no seu coração! Não a deixe apagar, desaparecer. Ela é como um sonho infinito!

Patiluc

SER MULHER INDÍGENA

É ser teimosa

Mesmo sendo medrosa

Seguindo de forma corajosa

De espírito excelente

No dia-a-dia sempre contente

Diante dos problemas segue valente

Em meio a dificuldade

Mesmo olhando a crueldade

Permanece no coração a humildade

De alma protetora

Sem diferença, é acolhedora

No seu lar, ama ser a provedora

Mulher indígena, aqui ou em outro país

Meu desejo é que sejam sempre gentis

Pois carrega em tua alma o ser feliz

Nunca desanimes em tuas lutas

Nossas almas são absolutas

Estaremos sempre unidas na conduta

Talita Kokama

SUNI, KOKAMA DO ALTO SOLIMÕES

Sou Suni do Povo kokama do Alto Solimões, da comunidade são José. Am.

Ser mulher kokama é carregar com sigo suas ancestralidades, seu rito, costume e cultura, esta sempre escuta o que os mais velhos tem ensina, andar lado a lado dos seus guerreiros nunca na frente e já mais atrás, mulher Kokama é força, sabedoria.

Eu sair da comunidade aos meus 22 anos, para cidade mais próximo da minha comunidade com um dia de viagem chegando no município não entendo dos costumes dos não indígena me sentindo estrangeira no próprio País, conheci uma professora que me fez a seguinte pergunta você quer estudar?

Eu que nunca tinha escutado a palavra estudar voltei a palavra a ela o que é estudar? Simplesmente ela olhos pra uma parede e me mostrou e disse você esta vendo isso aqui ? eu responder sim estou, ela disse vou ler pra você o que esta escrito e leu a palavra flutuante, isso é ler ela me disse, responde como eu faço para aprender ler, ela disse tem que estudar, no momento sentir uma força e uma fome de aprender a ler. eu tinha 22 anos não enxergava as letras para ler.

Mulher indígena é coragem, persistência, aparte daí eu pedir dos meus pais para fica com senhora para morar e trabalhar como babar na sua casa, meus pais deixaram pela primeira vez sua única filha mulher mora na casa de pessoas estranha, a parte da lhe começou minha caminhada fora da aldeia como mulher

guerreira e estratégica na sobre vivencia dos capitalismos, patriarcado e do oprimido, permaneci no município estudando por dois anos.

Então resolvi conhece a Capital Manaus vim através da esposa do prefeito do Município como não conhecia ninguém vim casa de amiga dela trabalha como empregada doméstica fiquei nesta casa 9 anos trabalhei sem salário, trabalhava só para paga minha morada e comida, aguentei tudo isso em busca do meu estudo consegui fazer o EJA para concluir os meus estudos, consegui concluir o estudo, me inscreve no vestibular e passei no curso de biblioteconomia na Universidade Federal do Amazonas sem cota, mas defendo as cotas, hoje sou Bacharel em Biblioteconomia, Esp. em biblioteca escolar, Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas, com tudo o que aconteceu comigo serviu cada vez mais para me fortalecer como mulher indígena.

Sempre nos oprimiram e exploraram mais nunca vão nos silenciar, a natureza é a nossa força, a mãe terra também esta chorando vendo seus filhos ser explorados pelos fazendeiros, garimpeiro.

Os nossos corpos fazem parte da natureza por isso sentimos dor e o desespero para salva nossos irmãos, somos como a mãe terra ela nunca deixa de cuidar de nós junto com nosso Deus maior produz nossos alimentos.

Mulher Kokama também é mãe engravida e pari, foi isso que aconteceu comigo quando estava morando em casa de família em gravitei de uma cunhatanha, eu fui mau tratada passei ser uma mulher sem valor para pessoa que explorava o meu trabalho, falava que minha cunhatanha me atrapalhava disse pra mim tinha

lugar em sua casa, mais para cunhatanha não, a parti daí eu busquei força no meu Deus, nos meus ancestrais, natureza quando vi a senhora dona da casa a fogando minha cunhatanha ela só tinha 6 meses de idade, estava de cabeça pra baixo e os pés pra cima a senhora segurando nas pernas para cima e de cabeça dentro do tanque de água corri para socorre a minha única cunhatanha, salvei minha cria.

O nome dela é Mainuma significa Beija-flor, hoje ela tem 22 anos, mulher indígena é resistência é natureza é fauna é floresta é onça para defender suas crias.

Suni.

Ser mulher Indígena na sua autoafirmação no contexto urbano dessa cidade chamada Manaus.

Ser mulher e ainda indígena tem suas conjecturas, ser ou não ser, afirmar se ou não. São questionamentos que percorreram 40 anos de uma vida desta indígena que hoje ficou conhecida pelo nome "socorro baniwa". Quando se vive em um mundo ao qual originalmente não é o seu que pelo medo do preconceito em meio a sociedade ao qual se inseri faz com que suas raízes ancestrais fiquem adormecida, pois ela não é falada por seus pais não há compreensão da motivação dos tantos avisos não fale, não mostre o que comemos, esconde e esconde.... as diferenças de outros traços, falas e costumes não existe essa compreensão enquanto se está em processo de formação e conhecimento da infância ao adulto e estas foram os questionamento e entendimentos hoje respondido para essa afirmação enquanto mulher e indígena.

Enquanto essa afirmação concreta não existia, foi preciso ter pessoas essenciais e motivadoras para resplandecer o que estava adormecido, pessoas essas que sempre estiveram envolvidas na atuação com as populações indígenas que se entregaram de corpo e alma e mesmo com a idade avançada continuavam a debater a mostrar o porquê de se ter uma atenção diferenciada aos povos indígenas principalmente aqueles que ainda continuam a manter sua cultura tradicionalmente, essas pessoas inspiradoras que pude acompanhar profissionalmente na área da saúde ou nos movimentos indígenas de Manaus

foram os principais motivadores para buscar a inserção nesse movimento intenso que é dos indígenas.

Contudo para que isso acontecesse durante os acompanhamentos realizados em encontros principalmente nos seminários, conferências realizadas pelos órgãos governamentais havia entre eles um desprezo total pelas falas de indígenas sem conhecimento aprofundado por tais organizadores nas temáticas elencadas e isso motivou para que buscasse a graduação superior para que essas pessoas não tivessem argumentos de dizer que o indígena seria desqualificado para falas tão importantes.

Falar dessa trajetória enquanto mulher teve seus desafios e que desafios entre choros e risos uma parte desse desafio foi vencida conseguir graduar-se e em seguida adentrar em outro desafio no mestrado para consolidar e mostrar para aqueles que julgam e desmerecem o indígena e suas lutas que o indígena não é só aquele que está embrenhado na mata, ele pode estar em qualquer meio social urbano ele nunca, jamais perdera sua essência a força e vontade de lutar pelo seu povo.

Enquanto mulher esses desafios são triplicados pois a mulher é mãe, filha, esposa, estudante, profissional e principalmente uma lutadora das causas sociais dos povos indígenas e nesse contexto o de mulheres, mulheres essas que necessitam de apoio em várias áreas na saúde, educação, qualificação, libertação da violência, do abuso sexual....ser mulher indígena é sofrer e lutar e sorrir e nunca deixar de existir, é resistir em meio ao machismo absoluto do branco, do índio e dessa sociedade que só recrimina.

Ser mulher indígena e resistir e resistir para existir, lutar e lutar, é gritar e chorar e se alegrar em meio ao caos e conseguir conquistar aos poucos um espaço que é invisibilizado na aldeia, comunidade ou cidade que existimos e resistimos e conquistamos com lutas diárias e conquistamos os nossos espaços.

Ser mulher indígena é ser guerreira, guerrear contra o seu próprio "eu" e se libertar das amarras da colonização.

Maria do Socorro Elias Gamenha.

NUBIÃ TUPINAMBÁ

Uma frecha de luz que me vem ao sonho

Dizer quem sou, ou como vivo enquanto mulher Tupinambá, é poder falar das forças vivas espirituais que me movem e que me vêem em sonhos. É sonhar com orientações, com antepassados, com formas de cura, de lutas coloridas ou não e muitas vezes em silêncio. Com as forças ancestrais a minha vida foi conduzida para reunir-me com os meus parentes. Pude saber que mesmo não nascendo na aldeia, tive que viver fora para identificar e criar pontes e teias para o encontro dos conhecimentos edificantes, como o encontro do rio com o mar. Claro que o sofrimento me veio em muitas vezes. Desde o meu nascimento e pela vida afora. Arrisquei minha vida, pegando carona para poder ir estudar na universidade como tantas parentes e mulheres. Era uma realidade tão alarmante que, até faixa na pista escrita fora colocadas, com o dizer e uma mão pintada com o dedo polegar estendido: “Dêem carona a um estudante”. Concluir com êxito o curso de pedagogia na Universidade Estadual de Santa Cruz, com as forças espirituais, divinas que me moveram.

Assim que formei em 1998 como pedagoga pela UESC, decidir encontrar com meus parentes, orientada pela força espiritual dos meus antepassados e pelos princípios éticos de uma vez graduada por uma universidade pública estadual, deveria retornar ao povo o meu êxito como pedagoga. Fui guiada pela força ancestral a voltar para o meu povo e reunir-me em conjunto. E assim que fui, visita, por visita encontrar com os meus iguais, com costumes e culturas

diferentes, e negados em seus direitos, ao território ancestral, educação, à saúde e a serem diferentes.

E cheia de força luz espiritual, animei meus Parentes na luta por dignidade na reivindicação por direitos específicos e diferenciados. E, assim na força luz é que narro um pequeno sentir sobre a nossa cosmovisão.

Há muitos trilhões de anos luz, num lugar onde o pensamento humano não consegue alcançar, um poder criador luz, Deus, faz surgir um Povo, no espaço cósmico para habitar a terra. Esse Povo ficou conhecido na terra como Tupinambá, o Ser que se ergue. Uma vez na terra, a sua luta pela sobrevivência passou por várias aprendizagens. Antes, como não era um ser visível e palpável, era etéreo, podia se ver e se fazer em tudo, em toda criação. Ele ia onde quisesse e da forma que quisesse. Mas, nesse tempo de aprendizagem pediu para ser materializado, para andar, sentir e contemplar as coisas belas aqui criadas. Teve necessidade de ter um corpo físico. Nesse corpo físico teve suas limitações. Mas, manteve a compreensão de quê as forças espirituais as quais o criou, estavam em tudo e em todos os seres.

Ao longos de sua existência, os Tupinambá mantiveram dentro do seu ser o cultivo das suas heranças cósmicas, através dos sonhos. Sabemos que outros Povos têm também nos sonhos uma relação sagrada. E é nos sonhos que recebemos orientações dos rituais, que mantemos nossos contatos com os nossos ancestrais. Os sonhos são realidades de encontros como o passado bem distante para nos dá direcionamento como agir no agora, e também é um alerta

para o futuro. Por exemplo, quando o meu Povo Tupinambá em Olivença, Serra do Padeiro, Belmonte no estado da Bahia faz o seu levante, se reergue, depois de quase 7 décadas escondendo-se, calado, muitos de nós sonhamos que esse momento de reerguimento aos olhos e mídia social aconteceria. Digo isso porque, quando eu e meus Parentes entrava na aldeia para reunir e conversar sobre a necessidade de nossa organização em prol dos nossos direitos, alguns diziam; “eu já esperava por vocês há muito tempo”. E foi assim, nossos encontros e reuniões em prol dos nossos direitos.

Para mim especialmente, vieram algumas, músicas ritualísticas. Uma está em uso pela força espiritual do meu Povo nos rituais da aldeia. Inclusive a sua tradução para a língua mãe. A outra ainda não. Assim também acontece com a retomada da nossa língua mãe. Porque antes não falávamos a língua Portuguesa e sim o Tupy. Hoje, alguns nós, estamos na revitalização da nossa língua mãe. E essa revitalização ela é também pela força espiritual de nossos ancestrais. Então, por onde estiver um Tupinambá, em qualquer canto desse Planeta, ele vai ter essa experiência dos sonhos. E muitos já se encontram através dos sonhos. A ponto de ver a pessoa dizer: “já sonhei com ela”. Isso é real e é sagrado.

No ano de 2000, fui chamada, como liderança do meu Povo pelo Bispo Diocesano de Ilhéus Dom Mauro, para realizarmos uma Peregrinação em prol da luta Tupinambá, que se iniciaria com uma missa no centro de Olivença, na aldeia mãe. A igreja Católica estava assumindo seu perdão, por tanto massacre cometidos a nós Povos Originários, por dentro da Campanha da Fraternidade- Fraternidade e povos Indígenas: Por uma Terra Sem Males. Dirigir-me aos meus parentes socializando a proposta e aceita com a força espiritual dos nossos encantados.

Como muito dos nossos antepassados foram assassinados no Brasil Colônia e seus corpos foram estendidos na praia do rio Cururupe por 9 km, onde não se podia ver a areia, decidimos que nossa caminhada Tupinambá seria no rio Cururupe em homenagem aos mártires no Massacre conhecida como a batalha dos nadadores, no período Men de Sá (1558-1572). Hoje, na sua 21ª Caminhada, em 2021 sob o título de “Peregrinação em memória aos mártires do massacre no Rio Cururupe, Território Indígena Tupinambá de Olivença, faz a memória do Líder Caboclo (Expressões racistas de descaracterização dos Povos Originários, às vezes apoiada na miscigenação das raças no Brasil) Marcelino, que lutou na década de 1920, contra a invasão pelas forças políticas do governo baiano, tendo o teu sangue, Tupinambá, derramado também nessas terras.

Escrevi de mim, sem esquecer de nós, para dizer que nossa essência, é a “Luz Cósmica”, traduzida por um ancião a uma criança de 10 anos como: “Tupinambá é uma frecha do sol”(Texto extraído de minha conversas na aldeia a minha Parente Tupinambá, Pedrísia Tupinambá) e trazer duas músicas e uma poesia. Todas na força espiritual. Para que nossos Parentes possam sentir e buscar em suas heranças transcendentais essa frecha de luz e os demais possam conhecer um pouco sobre o Povo Tupinambá de Olivença-Ilhéus, Tupinambá de Serra do Padeiro- Buerarema e Tupinambá de Belmonte no Sul da Bahia.

Hoje mestra e doutoranda em linguística pela universidade de Brasília, afirmo que a força dos meus Ancestrais e espirituais me conduziram para este lugar. Sim, me preparei para conseguir, mas, a certeza da força dos ancestrais e espirituais me é afirmada pelo próprio Povo Espiritual que me rege. Fui predestinada (Expressões a mim proferidas por dois Pajés de Povos e regiões

*distintas) para reunir o meu Povo em assembléias, esse é o significado de **Nubiã** para unir, lutar e caminhar juntos por dias promissores. Então como pedagoga Tupinambá reunir-me em prol da luta por uma educação escolar indígena diferenciada, como base, para reunir forças para a luta pela território e saúde e demais direitos específicos. Agora como mestra e futura doutora em linguista na área de pesquisa -Análise do Discurso Crítica- tenho o compromisso de juntos com os meus Parentes identificar e transformar todas as forças contrárias (opressão, subjugação, negação, discriminação, violências e violações de direitos à vida) ao nosso projeto de vida do “bem viver na nossa “TEKOBA”, trazendo junto o estudo da nossa língua mãe, a língua Tupinambá.*

Músicas na força Espiritual - Evocação

Levanta essa aldeia, levanta! Com as forças de Deus!

Levanta essa aldeia levanta! Levanta sem demorar!

Levanta essa aldeia, levanta! A Aldeia Tupinambá!

Música na força espiritual – Afirmação

Quando Deus desce, Ele desce pra cantar!

Quando Deus desce, Ele desce pra dançar!

Quando Deus desce, Ele desce pra curar!

Quando Deus desce, Ele desce no sonhar!

Quando Deus desce, Ele desce pra lutar!

Quando Deus desce, Ele desce pra escutar! Reúne o Povo para junto celebrar!

Quem é o Povo que a Deus quer tanto amar? Quem é o Povo que a Deus irá voltar?

É o Povo da Nação Tupinambá! É o Povo da Nação Tupinambá! É o Povo da Nação Tupinambá!

Núbia Batista da Silva

Primeira Pedagoga Tupinambá pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, Mestra e doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília-UnB. Atuou como Educadora Popular no âmbito dos programas sociais de Alfabetização de crianças, jovens e adultos e professora primária. Foi coordenadora do Fórum Estadual de Educação Escolar Indígena, coordenadora Regional da Educação Escolar Indígena e coordenadora Pedagógica dos professores Tupinambá de Olivença.

A ÍNDIA, O SER (XEMENA Tupy Apaixonado)

*Oh! Virgem virtude das mata virgens,
De beleza resplandecentes interior,
Que nas selvas da terra brasilis
Emanou o seu imenso amor pela vida!
Teu coração puro e sereno,
em meio a este clima ameno,
Esbanjando saúde e paz: ecoou o grito
Do silêncio, em defesa dos imortais!
Vives da terra, água e ar,
As árvores a protegem e a alentam
Num gesto de fraternidade eterna
A natureza sempre irá preservar
Pois, esta vive em ti e tu, idem!
Da terra retira o sustento;
Planta, colhe e se alimenta,
Para com o leite materno dá a vida:
Ao futuro, o indispensável rebento!*

*Rios, lagos, lagoas ou mar,
Incremento na subsistência.
Banhos, nados e mergulhos, à
brincar.
E o mais importante, que com as
águas,
Ensinaste o dominador a se banhar!
Das cachoeiras recebe a energia,
Vinda das forças das águas,
Emantrando o Sol do novo dia,
Sob o raios lunares, que alegria!
És pilar fundamental da taba,
O teu lar maravilhoso
Em teu seio, oh virgem bela
Constitui-se o colosso!
Queira Tupã valorizar
Este poço de inocência
Das terras do imenso Brasil,
onde reinam as violências.*

Esposo em Tupy. Poema feito pelo 'meu' esposo depois de ter sonhado.

“Todos têm nome de gente e são tratados como parentes” (1996, p. 11). Esse outro Brasil, descortinado pela pesquisa, destacou aos seus olhos pelo menos duas heranças indígenas: a herança genética (“creio que umas 200 mil mulheres indígenas foram prenhas para gerar o primeiro milhão de brasileiros”) e a sabedoria de adaptação à floresta tropical. Com isso concluiu que continuamos sendo índios nos corpos que temos e na cultura “que nos ilumina e conduz” (1996, pp. 12-13).

RIBEIRO, Darcy in Ricardo, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil: 1991- 1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996.(domínio público)

parimpar.com.br

